

**Estereótipos de Gênero na Produção de Transtornos Alimentares e de Imagem na
População LGBTQIAPN+**

Jéssica Batista Araujo, Luiz Pedro Morais da Silva e Lyandra Freitas Mendanha e Moraes

Curso De Graduação Em Psicologia

Universidade Evangélica De Goiás – UniEvangélica

ANÁPOLIS

2025

Luiz Pedro Morais da Silva
Lyandra Freitas Mendanha e Moraes

**Estereótipos de gênero na produção de Transtornos Alimentares e de Imagem na
população LGBTQIAPN+**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Evangélica de Goiás –
UniEVANGÉLICA, como requisito para
conclusão da graduação em Psicologia.
Orientador (a): Prof^ª. Dra. Jéssica Batista

ANÁPOLIS
2025

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM-5	Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais 5ª Edição
EM	Teoria do Estresse de Minoria
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transsexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e Agêneros, e demais minorias sexuais ou de gênero.
TA	Transtornos Alimentares
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, de que forma os estereótipos de gênero e os padrões estéticos associados à cisnormatividade influenciam o surgimento de transtornos alimentares e de imagem corporal na população LGBTQIAPN+. A pesquisa foi conduzida em bases de dados eletrônicas, incluindo Google Acadêmico, SciELO, Portal de Periódicos CAPES e Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando descritores combinados por operadores booleanos. Foram incluídos estudos nacionais e internacionais publicados entre 2010 e 2024, que abordassem a relação entre identidade de gênero, orientação sexual, imagem corporal e comportamento alimentar. As análises indicaram que a imposição de ideais estéticos normativos e a vivência de estigmas de gênero e sexualidade contribuem para a insatisfação corporal, distorções perceptivas e comportamentos alimentares disfuncionais. Conclui-se que a produção científica contemporânea reconhece a influência dos estereótipos de gênero e das pressões socioculturais sobre a saúde mental da população LGBTQIAPN+ a partir de constitutivos estressores da Teoria de Estresse de Minoria, ressaltando a necessidade de abordagens interseccionais e culturalmente sensíveis na promoção da saúde integral.

Palavras-Chave: transtornos alimentares, transtorno de imagem, gênero, população LGBTQIA

Estereótipos de Gênero na Produção de Transtornos Alimentares e de Imagem na População LGBTQIAPN+

No campo das ciências humanas, a compreensão das relações entre gênero, sexualidade e poder revela-se fundamental para analisar os modos de subjetivação e os efeitos sociais que incidem sobre os corpos. Foucault (1988; 2002), ao desenvolver sua genealogia da sexualidade, evidencia que os discursos normativos — especialmente os médicos e jurídicos — não apenas descrevem, mas produzem verdades que classificam práticas e identidades, estabelecendo fronteiras entre o lícito e o ilícito, o normal e o patológico. Nesse sentido, o gênero, conforme Butler (1990), é performativo, constituindo-se em seus próprios atos. Historicamente e culturalmente manipulado, possui caráter coercitivo que sustenta estruturas sociais impositivas, atuando simultaneamente como produto e produtor de subjetividades e corporalidades.

Enquanto instrumentos do discurso normativo, os estereótipos estéticos e de comportamento exercem papel central na percepção social e na autopercepção corporal, influenciando diretamente os processos de autocuidado e saúde. Sob a regulação dos norteadores de gênero e sexualidade, identidades divergentes — em fuga à heterossexualidade ou à cisgeneridade — enfrentam intersecções opressivas e complexas entre suas expressões subjetivas e a imposição social de enquadramento nos padrões normativos (Fuchs, Hining & Toneli, 2021). Nesse contexto, a comunidade LGBTQIAPN+ torna-se particularmente vulnerável, uma vez que os conflitos entre suas expressões pessoais e as normas estéticas de gênero resultam em elevada incidência de insatisfação com a imagem corporal e maior suscetibilidade ao desenvolvimento de transtornos alimentares.

A imagem corporal é compreendida como a representação mental que um indivíduo tem relacionada ao corpo e a aparência física, é um construto dinâmico relacionado a crenças, pensamentos, sentimentos e comportamentos sobre o corpo em paralelo a suas validações sociais (Almeida et al., 2024). Influenciada por instituições sociais, tal como família, mídia, saúde, educação e gênero, a imagem corporal é permanentemente questionada em sua validade e comparada a padrões estéticos reconhecidos como ideais, majoritariamente inalcançáveis, aos quais o indivíduo, mediado pelo processo de interiorização, passa a buscar, adotando atitudes e comportamentos em razão dessa aparência idealizada.

Em sincronismo às comparações exercidas entre a imagem pessoal e os ideais expostos pela sociedade, o desenvolvimento de insatisfações corporais torna-se cumulativo, promovendo atitudes cada vez mais incisivas e radicais para a promoção dessa mudança corporal visada. O desenvolvimento de transtornos alimentares trata-se então de sintoma do processo de alteração comportamental relacionada a insatisfação corporal e se caracteriza, segundo o Manual

Diagnóstico de Transtornos Mentais 5ª Edição (DSM-5) (2013), como “...uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulta no consumo ou na absorção alterada de alimentos e que compromete significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial” (p. 329).

Segundo Lopez-Gil et al. (2023), os Transtornos Alimentares (TA) configuram-se como causa de preocupação social em virtude de sua elevada incidência, assim como por sua associação a fatores de risco relacionados ao suicídio e ao desenvolvimento de outros transtornos psiquiátricos. Na população brasileira a ocorrência de TA é de 1 a cada 20 indivíduos, somando 15 milhões de brasileiros, relacionada especialmente a insatisfações corporais, além de fatores de violência adversos (Câmara dos Deputados, 2023). Em relação a população LGBTQIAPN+, estudos apontam predominância maior de comportamentos de risco para o desenvolvimento e diagnósticos de TA em homens gays e bissexuais quando comparados a seus pares heterossexuais e cisgêneros (Almeida, 2024), assim como corroboram estudos realizados em diversas regiões do país (Aguilar et al., 2023; Almeida et al., 2024; Ramos, Bratsfisch Charão, & Rosa, 2022). Dados e estudos específicos com grupos femininos, bissexuais e lésbicos, e com grupos transexuais relacionados ao desenvolvimento de TA são ainda superficiais ou subnotificados, o que demonstra o desconhecimento sobre sua realidade.

Amparados por dados e conclusões recorrentes em diferentes estudos, observa-se que, em comparação a outras parcelas da sociedade, a população LGBTQIAPN+ enfrenta pressão intensificada e influência mais acentuada para se adequar aos padrões estéticos cisnormativos, motivada pelo desejo de aceitação social. Tal pressão contribui significativamente para a insatisfação corporal e para o risco de desenvolvimento de transtornos alimentares (Nagata et al., 2020).

As experiências de discriminação social ampliam a vulnerabilidade da população LGBTQIAPN+ ao desenvolvimento de transtornos alimentares, uma vez que os preconceitos vividos podem atuar como gatilhos para questões relacionadas à imagem corporal. A busca por aceitação, somada à rejeição social — inclusive em contextos de atendimento em saúde pública ou privada — pode levar esses indivíduos a se sentirem pressionados ou coagidos a não retornar em busca de assistência, aumentando significativamente sua propensão ao desenvolvimento de transtornos alimentares (Ministério da Saúde, 2013; CRN1, 2021).

Este estudo parte da consideração das necessidades da população minoritária formada pelos grupos representados pela sigla LGBTQIAPN+ e sua vulnerabilidade, com enfoque na manutenção da saúde e bem-estar por meio da validação e investigação de fragilidades em seu comportamento alimentar e nas interseccionalidades influentes sobre saúde corporal e alimentar

(Bezerra et al., 2019; Gomes et al., 2018). Para a viabilidade da pesquisa delimitamos, portanto, a temática no que tange as variáveis: insatisfação corporal; comportamento alimentar; transtornos alimentares diagnosticados; e comportamentos alimentares de risco no grupo populacional LGBTQIAPN+, além de aqui considerar como fator essencial para a temática as intersecções da heteronormatividade e cisnormatividade, que atuam, em menor ou maior grau, sobre todo o grupo populacional selecionado.

Realizamos esta pesquisa em razão de sua relevância social ao direcionar a atenção para a minoria de orientação sexual e gênero da população LGBTQIAPN+, assim como por sua significância na promoção de debate sobre saúde mental e alimentar, tema da esfera da saúde pública que clama por maior atenção e propostas conclusivas para a alteração da realidade atual, em concordância com textos apresentados para a construção de políticas de âmbito nacional, como o Projeto de lei nº2482 de 2024 (Brasil, 2024) e audiência pública da Comissão de Assuntos Sociais nº2 de 2023, que incitam mudança epistemológica com o qual o tema é abordado na sociedade brasileira.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi enunciar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, de que forma estereótipos de gênero e sexualidade, e padrões estéticos da cisnormatividade influenciam na produção de insatisfação corporal e transtornos alimentares na população LGBTQIAPN+, compreendendo e integrando as intersecções na manutenção da imagem pessoal e autoestima dessas identidades divergentes e na estimulação de comportamentos alimentares de risco nos processos de saúde-doença. Adicionalmente, espera-se que, a partir da compreensão das dinâmicas e vulnerabilidades, o conhecimento produzido contribua para a formulação de políticas inclusivas e práticas terapêuticas que atendam às necessidades particulares desse público.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do presente projeto é composto por duas categorias de pesquisa amplas, sendo essas o transtorno de imagem corporal e transtornos alimentares assim como comportamentos alimentares de risco, área comumente abordada segundo epistemologias das ciências naturais; e estereótipos de gênero, população LGBTQIAPN+ e padrões estéticos, conceitos associados as ciências humanas. Pretendemos, aos arcabouços teóricos da psicologia social, associar e compreender a relação intrínseca entre essas categorias de pesquisas para a produção de conhecimento relevante e promotor de uma nova compreensão epistemológica dos processos de produção de saúde no grupo indicado.

Objetivando erigir o proposto, orientamo-nos pelas conceituações de termos chaves ao

questionamento proposto como norteador do trabalho “De que maneira os estereótipos de gênero e os padrões estéticos da cisnormatividade atuam para a criação de insatisfação corporal e transtornos alimentares na população LGBTQIAPN+?”, para tal buscamos definições aos termos “população LGBTQIA+”, “estereótipos de gênero”, “padrões estéticos”, “cisnormatividade”, “insatisfação corporal” e “transtornos alimentares” ou “comportamento alimentar de risco” que serão redigidos a seguir:

A população LGBTQIAPN+ é composta por sujeitos cujas identidades de gênero e orientações sexuais se afastam da norma cis heterossexual predominante. Conforme Bento (2006), essa população tem sido historicamente marcada por processos de marginalização, exclusão social e violência — simbólica e estrutural —, o que afeta significativamente a constituição subjetiva de seus integrantes. As vivências de preconceito e estigmatização incidem diretamente sobre a forma como esses sujeitos se relacionam com seus corpos e com sua saúde mental.

A cisnormatividade pode ser compreendida como a suposição socialmente dominante de que todas as pessoas são cisgêneras — isto é, que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Segundo Spade (2011) e Preciado (2008), essa lógica organiza instituições e práticas sociais, definindo quais corpos são reconhecidos como legítimos e quais são sistematicamente invisibilizados ou excluídos. Dessa forma, a cisnormatividade opera como um mecanismo normativo que contribui para o adoecimento psíquico e a exclusão de pessoas trans, não binárias e de outras identidades dissidentes.

Nesse contexto, emerge a insatisfação corporal, entendida como a percepção negativa ou distorcida da própria imagem corporal. Tal fenômeno está fortemente associado às exigências estéticas vigentes e tende a se intensificar em populações que enfrentam discriminação e vulnerabilidade social. De acordo com Cash e Smolak (2011), a insatisfação com o corpo pode comprometer profundamente a autoestima e a saúde mental dos indivíduos, sendo considerada um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares.

Os padrões estéticos constituem um conjunto de normas culturais que definem modelos ideais de corpo e beleza, os quais, em sua maioria, são inalcançáveis e excludentes. Conforme argumenta Bordo (1993), esses padrões são produtos de uma cultura visual influenciada por valores neoliberais, que promovem o controle e a disciplina dos corpos. Tais exigências acabam por moldar a autoimagem dos sujeitos e favorecer sentimentos de inadequação, principalmente em corpos que fogem à normatividade branca, magra, cisgênera e heterossexual.

Os estereótipos de gênero, por sua vez, consistem em construções sociais baseadas em

expectativas culturalmente determinadas sobre como homens e mulheres devem se comportar, se expressar e ocupar os espaços sociais. Butler (1990) propõe que o gênero não é uma essência natural, mas uma construção performativa reiterada socialmente. A partir dessa perspectiva, compreende-se que os estereótipos reforçam desigualdades estruturais e operam como mecanismos de opressão, sobretudo quando direcionados a sujeitos cujas expressões de gênero não correspondem às normas estabelecidas.

Por fim, os comportamentos alimentares de risco e os transtornos alimentares configuram respostas extremas às pressões sociais relacionadas ao corpo e à aparência. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013) descreve quadros como anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno da compulsão alimentar periódica como condições complexas que envolvem múltiplos determinantes, entre eles fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. No caso da população LGBTQIAPN+, essas manifestações são frequentemente agravadas por experiências de exclusão, discriminação e busca por conformidade com padrões corporais impostos pela normatividade.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O artigo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura, segundo Mendes et al. (2008) “um método de pesquisa que permite a busca, a avaliação crítica e a síntese das evidências disponíveis do tema investigado, sendo o seu produto final o estado atual do conhecimento do tema investigado...”, seguimos com a metodologia proposta por Hassunuma et al. (2024), pormenorizada em dez etapas didáticas a partir da produção de Whittemore e Knafl (2005).

Utilizamos como instrumentos de pesquisa bases de dados eletrônicos como repositórios e mecanismos de busca especializados, dentre os quais Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Virtual em Saúde-Brasil (BVS). Os termos de busca escolhidos foram “Transtorno de Imagem”, “Transtorno Alimentar”, Comportamento “Alimentar” “LGBT” e “Estereótipos de Gênero” usados em associação através de operadores booleanos como “AND” para combinar os descritores entre si.

Os critérios de inclusão delinearam produções que relacionem os temas transtorno alimentar ou comportamento alimentar de risco e população LGBTQIAPN+ assim como transtorno de imagem e a população LGBTQIAPN+, é critério para inclusão também a redação em língua inglesa ou portuguesa e o acesso integral ao texto. Critérios de exclusão determinantes foram a data de publicação anterior a 2010, assim como publicações com ideal

de validação de instrumentos e revisões da literatura. Também foi considerado critério para exclusão artigos repetidos em diferentes bases de dados ou artigos não relacionados à temática proposta.

A elegibilidade das publicações e sua inclusão ocorreram após a leitura criteriosa dos textos selecionados pelo processo de triagem, possibilitando em caso de necessidade a exclusão de publicações em razão de desvio do tema desejado, seja em razão da leitura de seu resumo ou de sua completude. Após a leitura foi realizado a enumeração e disposição dos artigos e ademais textos científicos em tabela, apresentando-os segundo critérios de inclusão justificado.

Por fim, a análise dos dados e estabelecimento de conclusões, e redação do artigo científico teve como objetivo produzir conclusão válida e contributiva para o tema a partir da condensação dos dados, informações e teorias apresentadas nas literaturas pregressas avaliadas no processo de produção desta revisão bibliográfica integrativa, o resultado foi material de valor científico e educacional.

RESULTADOS

Tabela 1

Estudos incluídos na revisão integrativa segundo critérios de inclusão e justificativas

Referência	Justificativa
Gomes, R., Murta, D., Facchini, R., & Meneghel, S. N. (2018). <i>Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. Ciência & Saúde Coletiva</i> , 23(6), 1997–2006. https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04872018	O artigo aborda gênero, diversidade sexual e saúde da população LGBTI, discutindo vulnerabilidades, direitos e condições de saúde dessa população. Apesar de não tratar de transtornos alimentares ou imagem corporal, atende ao critério de inclusão ampliado relacionado à saúde da população LGBTQIA+.
Hazzard, V. M., Simone, M., Borg, S. L., Borton, K. A., Sonnevile, K. R., Calzo, J. P., & Lipson, S. K. (2020).	O estudo aborda transtornos alimentares e

<p><i>Disparities in eating disorder risk and diagnosis among sexual minority college students: Findings from the national Healthy Minds Study. The International Journal of Eating Disorders.</i></p>	<p>diferenças por orientação sexual em estudantes universitários, analisando risco e diagnóstico entre minorias sexuais. Atende plenamente aos critérios de inclusão relacionados a comportamento alimentar de risco/transtornos alimentares e população LGBTQIA+.</p>
<p>Simone, M., Askew, A. J., Lust, K., Eisenberg, M. E., & Pisetsky, E. M. (2020). <i>Disparities in self-reported eating disorders and academic impairment in sexual and gender minority college students relative to their heterosexual and cisgender peers. The International Journal of Eating Disorders.</i></p>	<p>O estudo investiga transtornos alimentares (anorexia nervosa, bulimia nervosa e comprometimento acadêmico) em estudantes universitários, analisando diferenças por identidade de gênero e orientação sexual, incluindo pessoas trans e de minorias sexuais. Atende plenamente aos critérios de inclusão relacionados a comportamento alimentar de risco/transtornos alimentares e população LGBTQIA+.</p>
<p>Mensinger, J. L., Granche, J., Cox, S. A., & Henretty, J. R. (2020). <i>Sexual and gender minority individuals report higher rates of abuse and more severe eating disorder symptoms than cisgender heterosexual individuals at admission to eating disorder treatment. The International Journal of Eating Disorders, 53, 541–554.</i></p>	<p>O estudo investiga transtornos alimentares em indivíduos de minorias sexuais e de gênero, comparando-os com heterossexuais cisgêneros</p>

	quanto a sintomas, histórico de abuso e resposta ao tratamento. Atende aos critérios de inclusão relacionados a transtornos alimentares/comportamento alimentar de risco e população LGBTQIA+.
Ramos, A., Bratsfisch Charão, T., & Rosa, R. L. da. (2022). <i>Comer transtornado em homens homossexuais do Vale Europeu-SC: fatores determinantes. RBONE – Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento</i> , 16(102), 419–430. https://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/2029	O estudo investiga transtornos alimentares e comportamento alimentar de risco em homens homossexuais, analisando prevalência e fatores associados. Atende plenamente aos critérios de inclusão relacionados a transtornos alimentares/comportamento alimentar de risco e população LGBTQIA+.
Aguiar, Y. M., Bogater, J. H., Barros, L. P. S., Melo, C. Y. S. V., & Santos, P. P. P. O. (2023). <i>Avaliação do comportamento alimentar e da percepção da imagem corporal de indivíduos LGBTQIAPN+ no Recife e Região Metropolitana</i> [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Pernambucana de Saúde]. http://tcc.fps.edu.br:80/jspui/handle/fpsrepo/1648	O trabalho investiga comportamento alimentar e percepção da imagem corporal em indivíduos LGBTQIAPN+, atendendo aos critérios de inclusão por abordar transtornos/comportamento alimentar de risco e população LGBTQIA+.
Almeida, M. (2024). <i>Intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtorno alimentar e dismorfia muscular:</i>	O estudo é um ensaio clínico controlado

<p><i>Um ensaio clínico controlado randomizado com homens adultos brasileiros cisgênero gays/bissexuais</i> [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora]. https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17631</p>	<p>randomizado que avalia a eficácia de uma intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtornos alimentares e dismorfia muscular em homens adultos gays/bissexuais. Atende aos critérios de inclusão por tratar de transtornos/comportamento alimentar de risco e saúde corporal na população LGBTQIA+.</p>
<p>Almeida, M., Mol Baião, P. H., de Souza, A. G. P., de Oliveira Júnior, M. L., Santos, C. G., & Berbert de Carvalho, P. H. (2024). <i>Intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtorno alimentar e dismorfia muscular: um estudo com homens brasileiros cisgêneros gays e bissexuais</i>. <i>Principia: Caminhos da Iniciação Científica</i>, 23. https://doi.org/10.34019/2179-3700.2023.v23.40445</p>	<p>O estudo avalia a eficácia do PRIDE Body Project, uma intervenção preventiva para transtornos alimentares, dismorfia muscular e distúrbios de imagem corporal em homens adultos cisgêneros gays e bissexuais. Atende aos critérios de inclusão por abordar transtornos/comportamento alimentar de risco e população LGBTQIA+.</p>

Nota. Fonte: elaboração própria com base nos estudos incluídos na revisão integrativa (2025).

Guiada pelos critérios de seleção estabelecidos, a investigação desenvolvida possibilitou identificar e analisar produções científicas que abordam os transtornos alimentares, os comportamentos alimentares de risco e os transtornos da imagem corporal na população

LGBTQIAPN+, bem como estudos que discutem aspectos de saúde e vulnerabilidade social dessa população, a partir de um critério ampliado de inclusão voltado à compreensão da saúde integral em contextos de diversidade sexual e de gênero.

Após a triagem das vinte e três publicações pelos critérios elegíveis, oito estudos atenderam integralmente a proposta estabelecida. As produções analisadas, provenientes de contextos nacionais e internacionais, revelam que fatores socioculturais, identitários e psicossociais desempenham papel central na manifestação e manutenção dos transtornos alimentares e da insatisfação corporal entre indivíduos de minorias sexuais e de gênero.

As pesquisas internacionais conduzidas por Hazzard et al. (2020), Simone et al. (2020) e Mensinger et al. (2020) evidenciaram disparidades significativas na prevalência, na severidade e no risco de desenvolvimento de transtornos alimentares entre pessoas LGBTQIAPN+ e seus pares heterossexuais e cisgêneros. Esses estudos sustentam a compreensão de que a experiência de estressores sociais contínuos, como discriminação e marginalização, contribui para o agravamento de sintomas relacionados à imagem corporal e aos comportamentos alimentares.

No contexto brasileiro, as investigações de Ramos, Charão e Rosa (2022) e Aguiar et al. (2023) reforçaram tais achados ao identificar comportamentos alimentares disfuncionais e distorções perceptivas da autoimagem entre indivíduos LGBTQIAPN+, evidenciando a influência de padrões estéticos normativos e pressões socioculturais sobre a construção da corporalidade e da identidade.

As produções de Almeida (2024) e Almeida et al. (2024) ampliaram essa discussão ao apresentarem intervenções preventivas voltadas à população masculina cisgênera gay e bissexual, destacando a eficácia do programa PRIDE Body Project na redução de sintomas de dismorfia muscular e na melhoria da satisfação corporal. Tais resultados reafirmam a importância de abordagens específicas e culturalmente sensíveis no enfrentamento dos transtornos de imagem e dos comportamentos alimentares de risco.

Por fim, o estudo de Gomes et al. (2018) foi incluído por abordar gênero, diversidade sexual e saúde, contribuindo para uma leitura ampliada sobre as determinantes sociais e as desigualdades estruturais que atravessam o cuidado em saúde da população LGBTQIAPN+.

DISCUSSÃO

Em desejo de alcançar o objetivo proposto de compreender de que forma estereótipos de gênero e padrões estéticos da cisnormatividade influenciam na produção de insatisfação corporal e transtornos alimentares na população LGBTQIAPN+, a revisão integrativa realizada

apresenta dados e teorias recorrentes que evidenciam a influência dos estereótipos e padrões estéticos cisgêneros e heterossexuais no desenvolvimento de transtornos sobre a população LGBTQIAPN+.

Segundo Almeida et al. (2024) homens cisgêneros brasileiros que se identificam com sexualidade divergentes à heterossexualidade tendem a apresentar indicadores de saúde mental mais desfavoráveis em relação aos heterossexuais. Entre os principais sintomas observados, destacam-se os transtornos alimentares em níveis elevados bem como sinais de transtorno dismórfico corporal visto que apresentam maior insatisfação com a musculatura e gordura corporal em comparação aos seus pares cisgêneros e heterossexuais, associando-se a uma série de comportamentos nocivos e compensatórios, como, por exemplo, restrição alimentar e uso exacerbado de suplementos alimentares e esteroides anabolizantes androgênicos (Almeida et al., 2024). Em consonância, o estudo realizado por Ramos, Bratsfisch Charão & Rosa (2022) em outra região brasileira, Vale Europeu-SC, afirma que porcentagem majoritária dos homens homossexuais avaliados apresenta insatisfação com a autoimagem corporal, assim como apresentam comportamentos de comer transtornado, com hábitos característicos sugestivos para transtornos alimentares restritivos e compulsivos.

Relativo ao comportamento alimentar e autoimagem de mulheres, àquelas identificadas com minorias sexuais e de gênero apresentam taxas mais altas de diagnósticos de TA e maiores riscos de comportamentos alimentares de risco que seus pares heteronormativos, ainda que apresentem fatores de risco e insatisfação corporal menor que mulheres cisgêneros e heterossexuais (Mensing et al., 2020).

Parte dessa desigualdade pode ser compreendida à luz de estudos qualitativos prévios, os quais indicam que distúrbios alimentares podem emergir como resposta ao desejo de modificar traços corporais associados ao gênero. Isso inclui tanto a tentativa de alinhar-se a padrões estéticos quanto o esforço para atenuar características sexuais secundárias (Simone et al., 2020). Segundo Hazzard et al. (2020) há duas vertentes aplicadas a compreensão desses fenômenos: as teorias socioculturais que enfatizam a importância das normas da comunidade de minorias sexuais em relação à aparência, fator respaldado segundo achado da pesquisa Ramos, Bratsfisch Charão & Rosa (2022) , na qual número majoritário dos homens homossexuais analisados elencaram como fator atrelado à sua orientação sexual a exigência de um cuidado maior com o peso e a autoimagem, preocupando-se com a forma física e acreditando que serão mais atraentes se forem mais magros e musculosos. Por sua vez, outra vertente explicativa deste fenômeno, a Teoria do Estresse de Minoria (EM), segundo a qual experiências de discriminação, vitimização e autoestigma vinculadas à orientação sexual e à

identidade de gênero geram níveis desproporcionais de estresse em grupos de minorias sexuais. Esse estresse crônico está associado a uma maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de transtornos alimentares e outros agravos à saúde mental. (Hazzard et al., 2020).

A EM postula que a estigmatização e a exclusão social atuam como estressores crônicos persistentes, capazes de desestabilizar diversos sistemas fisiológicos do organismo. Essa sobrecarga contínua contribui para o aumento da incidência de doenças crônicas e para a piora nos desfechos de saúde entre grupos historicamente marginalizados e socialmente oprimidos (Mensing et al., 2020). Os inúmeros estressores sociais vigentes, diariamente vivenciados pelas minorias, representam forte correlação com o risco de malefícios à saúde física ou mental, inclusive, aumento da insatisfação corporal e ocorrência de patologias alimentares. O gerenciamento desses estressores, de forma crônica, pode acarretar comportamentos de enfrentamento não adaptativos, como transtornos diante do uso de substâncias, risco sexual, comer desordenado e controle de peso (Aguiar et al., 2023). A persistência e continuidade de microagressões resulta em aumento da vulnerabilidade desses grupos e maior risco de revitimização por meio de bullying, violências sexuais, emocionais e físicas (Mensing et al., 2020).

Variável pertinente a nossa discussão, a inconformidade ou exploração de identidades de gênero e sexualidades é fator de risco, uma vez que enquanto indivíduos de fluída ou indeterminada expressão de gênero, àqueles da população LGBTQIAPN+ que não se enquadram em manifestações nomeadas sofrem pressões sociais externas mais intensa e violenta. O risco elevado em indivíduos em questionamento pode ser explicado, em parte, pelos desafios relacionados ao desenvolvimento da identidade de orientação sexual e ao estresse associado a esse processo (Hazzard et al., 2020). Como resultado, indivíduos que já estão emocionalmente sobrecarregados com a exploração de identidade podem ter, mediante violência sofrida, mais significativo risco de agravos e prejuízos como resultado do estresse adicional do comportamento de TA e preocupações com peso ou forma (Simone et al., 2020).

A insatisfação com a imagem corporal e os comportamentos alimentares transtornados entre as minorias de gêneros e sexuais iniciam-se, em geral, na adolescência, devido à maior consciência em torno de suas identidades sexuais e de gênero, repercutindo na vida adulta. A Teoria do Estresse Minoritário ratifica o entendimento de que experiências negativas durante a vida influenciam a saúde física e comportamental desses indivíduos. (Aguiar et al., 2023, p.11)

A literatura sobre estresse de minoria levou à conceituação do estigma como uma “causa fundamental” das desigualdades na saúde populacional, em homens de minorias sexuais e de gênero, identifica-se associações entre experiências de objetificação sexual e bullying

homofóbico na infância e a atitudes e comportamentos alimentares desordenados, assim como taxas mais altas de TAs que tiveram experiências de abuso na infância quando comparado a pares que não foram vítimas. Ademais, maior gravidade dos sintomas de transtornos de imagem e alimentares tem como possibilidade explicativa a mais frequente exposição a violências e abusos vivenciadas pela população minoritária de gênero e sexualidade (Mensing et al., 2020).

Especificidades nos estressores relacionadas a identidades divergentes ao padrão cisgênero e heteronormativo orientam para explicações potenciais do risco vivenciados pelos indivíduos representados na sigla LGBTQIAPN+. Para homens e mulheres bissexuais, a bifobia, violência, invisibilização e deslegitimação da bissexualidade, configura-se como estressor específico (Hazzard et al., 2020). Essa afirmação corrobora com a maior incidência de TA em mulheres bissexuais quando comparado a mulheres lésbicas, que ainda questionadas, possuem menor exposição a invalidação de suas identidades (Simone et al., 2020). Em similaridade, a disforia de gênero, compreendida pelo DSM-5 como sofrimento relacionado a inadequação entre o gênero expresso e o gênero determinado por fator externo à pessoa (2013), é sintoma associado a indivíduos transgêneros de todos o espectro, tal como transgêneros, travestis, gêneros fluídos e agêneros, contribuindo para o desenvolvimento de transtornos alimentares (Mensing et al., 2020).

Em última estância, a revisão integrativa propôs reflexão a acessibilidade aos cuidados em saúde mental e corporalidade mediante uma compreensão de saúde adequada e centrada em padrões de gênero definidos pelo sexo e majoritariamente destinada a indivíduos heterossexuais.

Segundo Gomes et al. (2018) a escrita científica registra variáveis de violência interpessoal, discriminação e seus efeitos em disparidades na saúde, com maior incidência de agravos quando vinculados a população LGBTQIAPN+, em especial desproporção quando avaliadas questões de saúde mental, dificuldades no acesso a serviços e cuidados; vulnerabilidade programática e inadequação de serviços; e, no limite, o frágil reconhecimento desses sujeitos e populações como sujeitos de direitos.

Revisões variadas da literatura propõe menor busca e adesão a tratamentos por integrantes de minorias sexuais e de gênero devido a discriminações, à vergonha e ao medo de estigmas por parte de profissionais de saúde, condição que repercute no atraso de diagnósticos, baixa adesão ao tratamento e agravamento de sintomas de transtornos alimentares e de imagem (Mensing et al., 2020).

CONCLUSÃO

Orientados pelos objetivos propostos, a presente revisão integrativa realizada permitiu compreender e enunciar fatores de gênero e padrões estéticos que influenciam na produção de insatisfação corporal e transtornos alimentares na população minoritária. Tal compreensão faz-se, segundo os achados, por meio de teorias de cunho social, em especial a Teoria de Estresse de Minoria (EM) que orienta a compreensão de que múltiplos e contínuos estressores incidem sobre essa população alterando não somente sua autoimagem, comportamento alimentar e expressão estética, mas também sua expressão de gênero, cuidados direcionados a saúde pessoal e adesão à tratamentos médicos.

Concluimos ainda que expressões da categoria normativa de gênero incidem com influência específica sobre populações intragrupais da sigla LGBTQIAPN+, como elencadas as intercessões produtoras de sofrimento na população bissexual, transgênero e homossexual masculina. Afirma-se, portanto, que a cisnormatividade, ao estabelecer um padrão estético idealizado e excludente, reforça mecanismos de exclusão que impactam diretamente o bem-estar emocional e nutricional dessas populações.

Mediante os dados obtidos e conclusões alcançadas, compreende-se ainda grande fragilidade na saúde dessa população, reiteradamente verificada como vulnerável a prejuízos da saúde mental e física. A integração realizada nessa produção visa promover uma compreensão atualizada e embasada dos sofrimentos vivenciados e dos efeitos adversos na autoimagem e comportamento alimentar dessa comunidade, com associação entre estereótipos de gênero, imposição normativa e transtornos mentais. Os resultados aqui alcançados podem contribuir para o desenvolvimento de novas compreensões ampliadas sobre a fragilidade experimentadas, favorecendo o desenvolvimento de pesquisas e políticas institucionais ou de estado direcionadas a redução das angústias e dedicação a manutenção da saúde mental, saúde alimentar e redução da incidência de transtornos sobre a comunidade LGBTQIAPN+.

As lacunas encontradas na intersecção de vulnerabilidades e na compreensão da intensidade dos efeitos dessas influências propõe a necessidade de novos estudos empíricos. Cabe ainda ao campo das pesquisas futuros a possibilidade de estudos sobre a efetividade de intervenções direcionadas aos pormenorizados coletivos supracitados.

REFERÊNCIAS

Aguiar, Y. M., Bogater, J. H., Barros, L. P. S., Melo, C. Y. S. V., & Santos, P. P. P. O. (2023). *Avaliação do comportamento alimentar e da percepção da imagem corporal de indivíduos LGBTQIAPN+ no Recife e Região Metropolitana* [Trabalho de conclusão de curso, Faculdade

Pernambucana de Saúde]. <http://tcc.fps.edu.br:80/jspui/handle/fpsrepo/1648>

Almeida, M. (2024). *Intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtorno alimentar e dismorfia muscular: Um ensaio clínico controlado randomizado com homens adultos brasileiros cisgênero gays/bissexuais* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora]. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17631>

Almeida, M., Mol Baião, P. H., de Souza, A. G. P., de Oliveira Júnior, M. L., Santos, C. G., & Berbert de Carvalho, P. H. (2024). Intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtorno alimentar e dismorfia muscular: Um estudo com homens brasileiros cisgêneros gays e bissexuais. *Principia: Caminhos da Iniciação Científica*, 23. <https://doi.org/10.34019/2179-3700.2023.v23.40445>

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). American Psychiatric Publishing. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>

Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Garamond.

Bezerra, M. V. R., Moreno, C. A., Prado, N. M. B. L., & Santos, A. M. (2019). Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. *Saúde em Debate*, 43(spe8), 305–323. <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S822>

Bordo, S. (1993). *Unbearable weight: Feminism, Western culture, and the body*. University of California Press.

Brasil. Congresso Nacional. (2024). *Projeto de Lei nº 2482 de 2024: Dispõe sobre a notificação compulsória de transtornos alimentares com consequências graves à saúde física ou mental*. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2439814&filename=PL%202482/2024

Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge.

Câmara dos Deputados. (2024, 11 de julho). *Transtorno alimentar atinge cerca de 15 milhões de brasileiros*. <https://www.camara.leg.br/noticias/1082779-transtorno-alimentar-atinge-cerca-de-15-milhoes-de>

Carvalho, G. P. de, & Oliveira, A. S. Q. de. (2017). Discurso, poder e sexualidade em Foucault. *Revista Dialectus*, 4(11), 100–115. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32644>

Cash, T. F., & Smolak, L. (2011). *Body image: A handbook of science, practice, and prevention* (2nd ed.). Guilford Press.

Fuchs, J. J. B., Hining, A. P. S., & Toneli, M. J. F.. (2021). PSICOLOGIA E CISONORMATIVIDADE. *Psicologia & Sociedade*, 33, e220944. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33220944>

Gomes, R., Murta, D., Facchini, R., & Meneghel, S. N. (2018). Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 1997–2006. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04872018>

Hassunuma, R. M., et al. (2024). Revisão integrativa e redação de artigo científico: Uma proposta metodológica em 10 passos. *Revista Multidisciplinar em Educação e Meio Ambiente*, 5(3). <https://doi.org/10.51161/integrar/remes/4275>

Hazzard, V.M., Simone, M., Borg, S.L., Borton, K.A., Sonnevile, K.R., Calzo, J.P., & Lipson, S.K. (2020). Disparities in eating disorder risk and diagnosis among sexual minority college students: Findings from the national Healthy Minds Study. *The International journal of eating disorders*.

López-Gil, J. F., García-Hermoso, A., Smith, L., et al. (2023). Global proportion of disordered eating in children and adolescents: A systematic review and meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 177(4), 363–372. <https://doi.org/10.1001/jamapedia>

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 17(4), 758–764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

Mensing, J.L., Granche, J., Cox, S.A., & Henretty, J.R. (2020). Sexual and gender minority individuals report higher rates of abuse and more severe eating disorder symptoms than cisgender heterosexual individuals at admission to eating disorder treatment. *The International Journal of Eating Disorders*, 53, 541 - 554.

Preciado, P. B. (2008). *Manifesto contrassexual*. Editora n-1.

Ramos, A., Bratsfisch Charão, T., & Rosa, R. L. da. (2022). Comer transtornado em homens homossexuais do Vale Europeu-SC: Fatores determinantes. *RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 16(102), 419–430. <https://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/2029>

Santomauro, D. F., Melen, S., Mitchison, D., Vos, T., Whiteford, H., & Ferrari, A. J. (2021). The hidden burden of eating disorders: An extension of estimates from the Global Burden of Disease Study 2019. *The Lancet Psychiatry*, 8(4), 320–328. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(21\)00040-7](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(21)00040-7)

Simone, M., Askew, A.J., Lust, K., Eisenberg, M.E., & Pisetsky, E.M. (2020). Disparities in self-reported eating disorders and academic impairment in sexual and gender minority college students relative to their heterosexual and cisgender peers. *The International journal of eating disorders*.

Spade, D. (2011). *Normal life: Administrative violence, critical trans politics, and the limits of law*. South End Press.

Spizzirri, G., Eufrásio, R., Lima, M. C. P., et al. (2021). Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. *Scientific Reports*, 11, 2240. <https://doi.org/10.1038/s41598-021-81411-4>

Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: Updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52(5), 546–553. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.20>